ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

CÂMARA MUNICIPAL DE VEREADORES DE ERECHIM

PODER LEGISLATIVO

Câmara Municipal de Erechim
PROTOCOLO
Recebido em: 07 / 03 / 2008
Horas: 9.00
Secretaria Geral

REQUERIMENTO Nº. 050/2008

Ilmo. Sr.
ANACLETO ZANELLA
Presidente do Poder Legislativo
Nesta

Senhor Presidente,

A Vereadora abaixo subscrita, com base no Art. 105, I do Regimento Interno, solicita após a aprovação do Douto Plenário, o envio de **VOTOS DE CONGRATULAÇÕES** à Senhora **KARINA GROCH,** que foi escolhida pela Revista MULHERES DO BRASIL- Edição Especial, como destaque brasileiro, estando entre as dezesseis relatadas nesta Revista de âmbito nacional, publicada pela Editora Abril, pelo seu exemplo como bióloga e coordenadora do **PROGRAMA BALEIA FRANCA**, na base de Abrolhos, no sul da Bahia.

JUSTIFICATIVA

O presente Requerimento tem como objetivo homenagearmos a Senhora KARINA GROCH, que é Erechinense, bióloga, com 35 anos, formada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, descendente de alemães, poloneses, italianos e sírios-libaneses, que desde 1996 participa do Projeto Baleia Franca. Sendo atualmente Coordenadora do Projeto Baleia Franca. Projeto este que conseguiu grandes êxitos na preservação da Baleia Franca, e que graças aos esforços conjuntos dos biólogos e ambientalistas, conseguiu aumentar consideravelmente o número de baleias francas que aportam as costas brasileira cada ano.

Nada mais justo que homenagearmos esta Erechinense que leva o nome de nossa cidade além fronteiras e que luta incansavelmente na preservação da fauna brasileira, especialmente os cetáceos que povoam o Oceano Atlântico e são destaque na costa brasileira.

Diante da presente justificativa, solicitamos aos nobres pares a aprovação do presente Requerimento, e o envio de VOTO DE CONGRATULAÇÕES à Senhora KARINA GROCH.

Sala das Sessões, 06 de Março de 2.008.

Câmara Municipal de Erechim
APROVADO
Sessão: 10 / 03 / 2008
Presidente

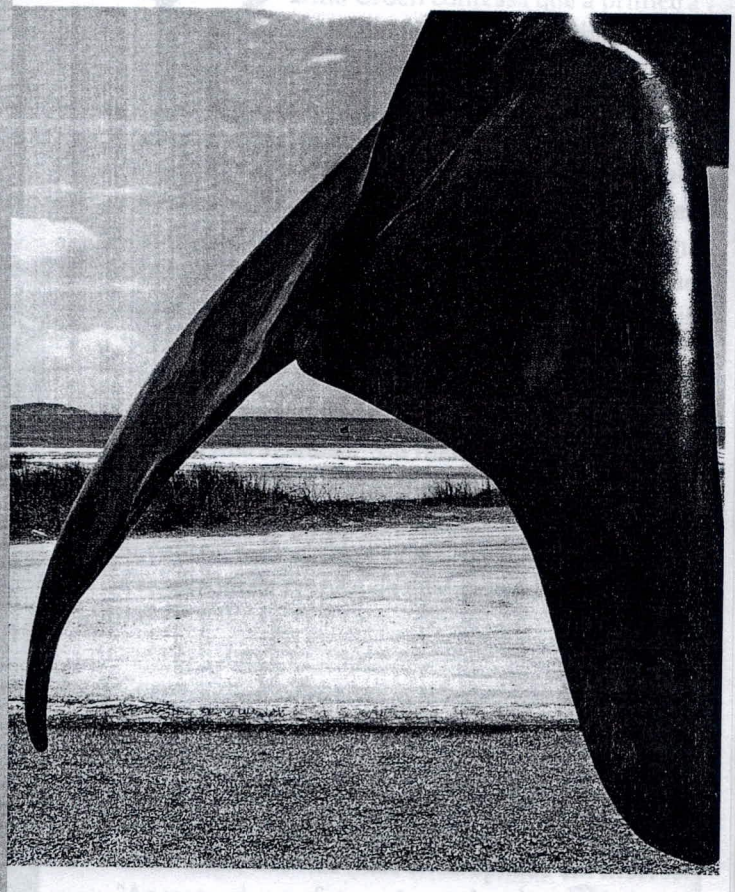
Vania I. S. Miola

Vereadora VÂNIA ISABEL SMANIOTTO MIOLA
Líder da Bancada do PPS



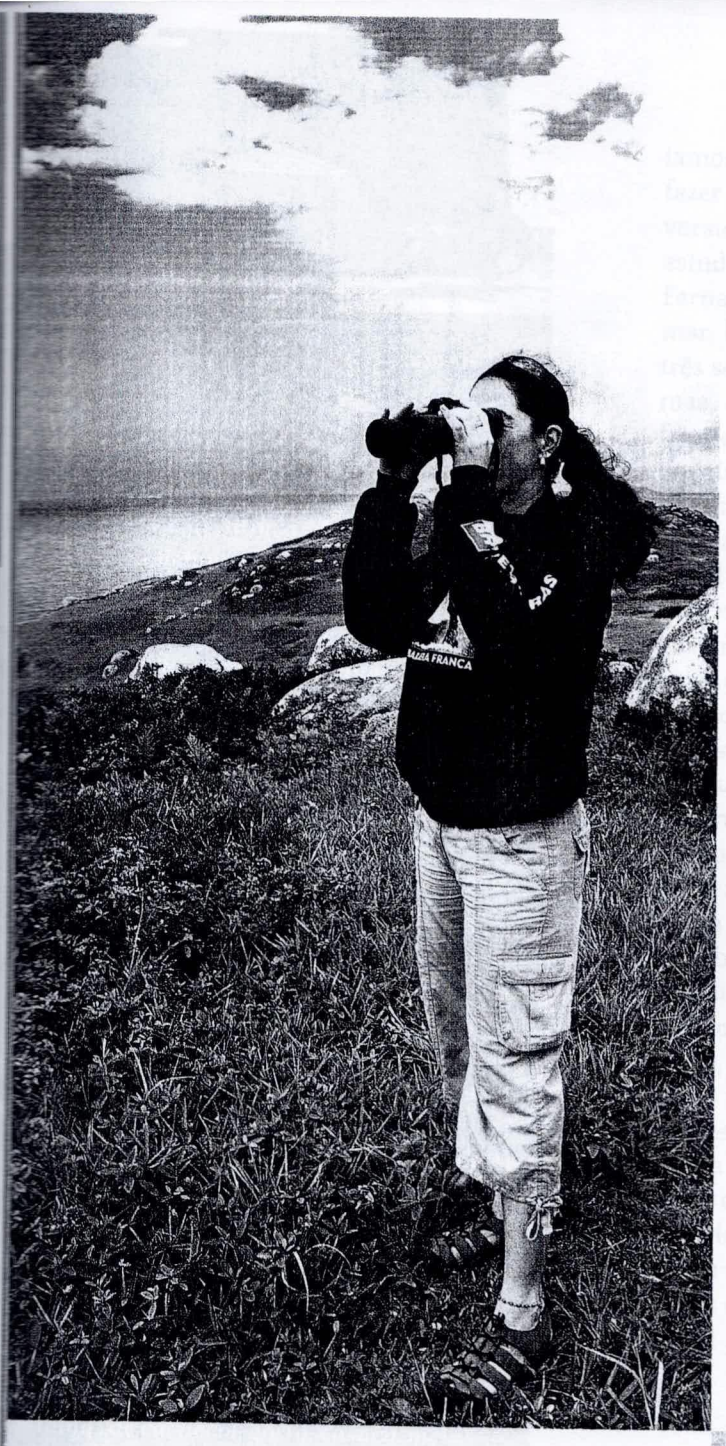
Karina Groch sente orgulho ao lembrar que há sete anos chegavam cerca de 40 baleias ao litoral. Hoje são 120

GUARDIÃ DE BALEIAS



Desde 1996 no Projeto Baleia Franca, a bióloga gaúcha Karina Groch não cansa de admirar, durante o inverno, a chegada dos mamíferos de 60 toneladas e 18 metros que escolhem as praias da costa catarinense para ter seus filhotes

POR REGINA VALADARES
FOTOS CÉLIA MARI WEISS

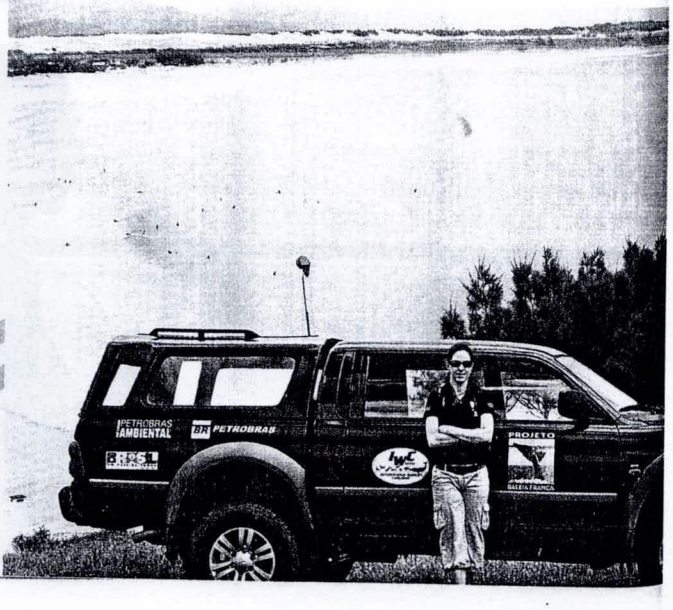


Karina Groch confessa que a primeira excursão para pesquisar baleias foi inesquecível. Ela participava do Projeto Jubarte, na base de Abrolhos, no sul da Bahia. O tempo estava péssimo. Durante a viagem até a ilha - paradisíaca, ela não nega -, teve que se concentrar para sobreviver aos enjôos. Já em terra firme, mas nem por isso sentindo-se melhor, assumiu seu posto: ponto-fixo, que significa ficar sentada sobre uma pedra durante seis horas, binóculos grudados nos olhos, procurando um sinal de baleia num mar fechado de tempestade. "Passei um aperto", diz. Mas tinha 20 anos e achava tudo maravilhoso. "Eu mantinha o foco no meu objetivo: queria conseguir bons estágios, aprender o máximo para ganhar experiência. Foi assim que encontrei o meu lugar ao sol", diz, referindo-se ao Projeto Baleia Franca, do qual hoje é coordenadora.

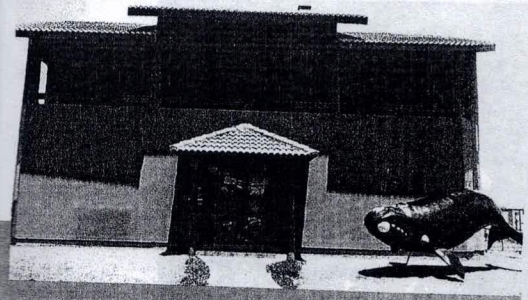
HÓSPEDES ESPECIAIS

Corpo sarado pelas muitas subidas e descidas íngremes, carregando mochila, binóculos e a inseparável cuia de chimarrão, Karina, 35 anos, é superprofissional. Hoje, como coordenadora do projeto Baleia Franca, criado pelo ambientalista Truda Palazzo Jr. há 25 anos, não fica mais encarapitada em morros. "Acompanho as fotos aéreas, localizo as baleias, analiso o material no computador, comparo com as imagens de outros anos. Sou pesquisadora."

Nascida e criada em Erichim, cidade no norte do Rio Grande do Sul, descendente de alemães, poloneses, italianos e sírio-libaneses, Karina lembra que a família sempre passou as férias em Itapirubá, em Santa Catarina, mas não sabia que havia baleias por lá. "Na época, elas estavam quase extintas e, como



Acima, Karina sempre em busca de sinais. Ao lado, vista da praia de Itapirubá: os pontinhos pretos no mar são surfistas, que no inverno sedem terreno para as baleias se reproduzirem. Na página ao lado, o momento chimarrão no final do dia

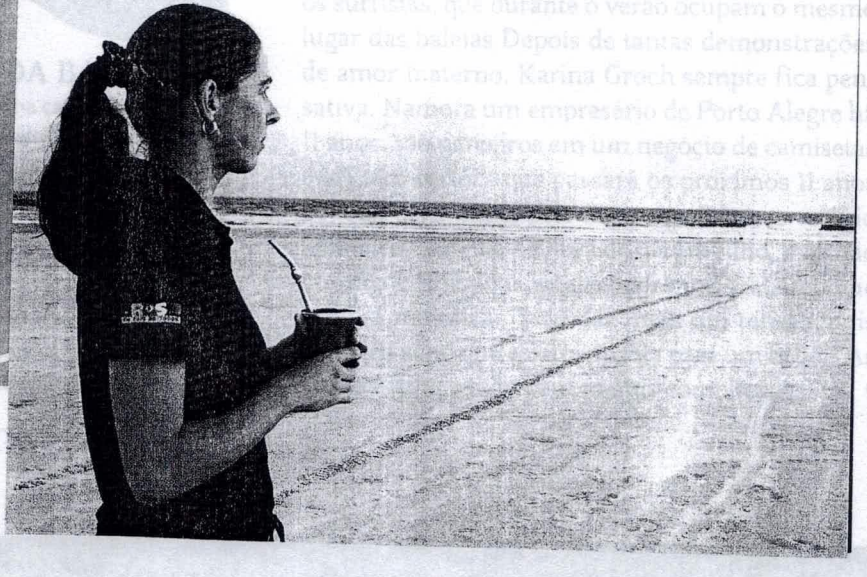


EM BERÇO ESPLÊNDIDO

A baleia-franca é um dos maiores cetáceos existentes – pesa cerca de 60 toneladas e tem 18 metros de comprimento. A segunda espécie de 11 ameaçadas de extinção, as baleias-francas desapareceram completamente nos anos 70, mas graças a pessoas batalhadoras, a caça foi proibida (durante anos o óleo da baleia serviu para iluminação e como ligante de argamassa para construções como a do farol de Santa Marta, casarios coloniais e as igrejas renascentistas) e elas voltaram à costa catarinense para acasalar e procriar, como faziam em quase todo o litoral brasileiro. Nas últimas décadas, foram chegando aos poucos. De Florianópolis a Capão Canoa, no Rio Grande do Sul, elas alegram o inverno sulista com sua docilidade. Os desavisados se espantam achando que estão encalhadas e precisam ser direcionadas para o mar. Não estão. Elas gostam do raso. Como são muito gordas, têm facilidade de boiar. Concentram-se nas praias dos municípios de Imbituba e Laguna, em Santa Catarina. Escolhem as mais protegidas para ter seus bebês. De binóculos, do alto de alguma pedra estratégica, um estagiário observa tudo que as baleias aprontam. Chega às 7 da manhã, de cachecol, gorro, casaco, meias e muito protetor no rosto, para agüentar o frio e o vento constante. Os turnos são de seis horas, intercalados. Folga só nos dias de chuva, porque estraga o equipamento. Uma vez por mês, Karina faz um sobrevôo com um fotógrafo para reconhecimento. Graças a esses cuidados e a atenção constante de uma equipe dedicada, as baleias-francas se multiplicam felizes e saudáveis. O planeta agradece.

íamos no verão, nunca vimos nada." Quando foi fazer o curso de biologia em Porto Alegre, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, queria estudar bichos grandes. Golfinhos-rotadores em Fernando de Noronha, tartarugas no projeto Tamar, baleia-jubarte no Espírito Santo. "Tranquei três semestres de faculdade para fazer os estágios, mas, quando conheci as baleias-francas e vi que freqüentavam o meu pedaço de praia, achei que era um sinal." Fez mestrado e doutorado em baleias e pôs mãos à obra. Apesar de adorar agito, deixou os chopinhos e as baladas de Porto Alegre e mudou-se para Itapirubá. Ralou muito quando o Projeto Baleia Franca ainda não tinha patrocínio. "As pessoas imaginam que quem trabalha na beira do mar tem um vidão, vive surfando... Já travei a coluna sozinha no alto de uma duna, quase morri de enjôo nas incursões de barco para colher amostras de pele, bati queixo no alto do morro quando todo mundo tomava sol na praia...", comenta, com humor.

Ter uma sede fixa foi uma vitória. Uma casinha muito azul, com a escultura de um filhote de baleia-franca na frente (*foto ao alto*) e sete funcionários, entre biólogos e estagiários. Karina cuida do design dos painéis sobre o roteiro das baleias, cria peças de biju, como a que sempre usa no pescoço, estampa bonés, gorros, camisetas e moletons que ficam à venda no projeto. A moça é prendada. "Fiz até o meu vestido de réveillon do ano passado!", diz.
Ali, na praia de Itapirubá, onde o vento noroeste aposta corrida com o sudoeste e despenteia qualquer linha de raciocínio, ela encontrou sua vocação. De maio a novembro, o projeto contrata mais 14 estagiários em Santa Catarina e quatro no Rio Grande do Sul para receber as baleias-francas. Elas vêm



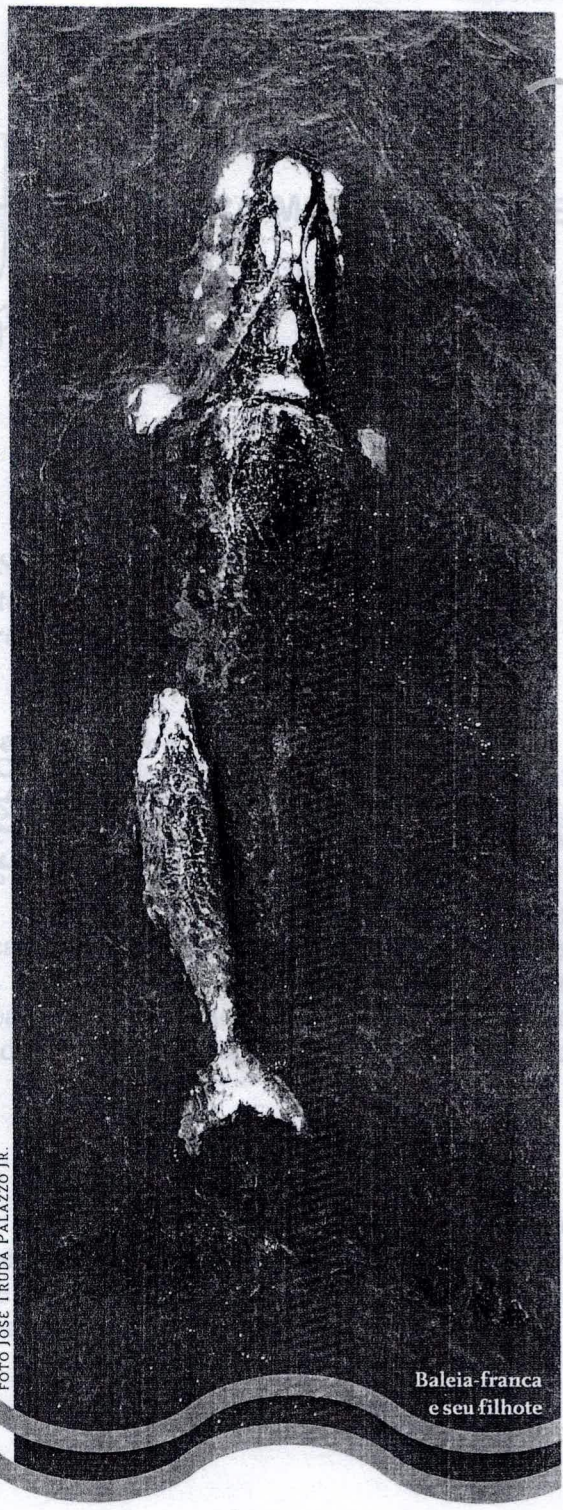


FOTO JOSÉ TRUDA PALAZZO JR.

Baleia-franca e seu filhote

A IMPORTÂNCIA DA BALEIA

Qualquer animal tem um papel na cadeia ecológica. Segundo o livro *Projeto Baleia Franca, 25 anos de Pesquisa e Conservação*, escrito por José Truda Palazzo Jr., Karina Groch e Hemerson Adair Silveira: "Cientistas constataram que as baleias eram importantes elementos da ciclagem e retenção de carbono nos oceanos. A matança de mais de 2 milhões delas resultou numa perda mensurável na capacidade dos oceanos de absorver carbono e, portanto, de equilibrar as temperaturas da Terra como um todo!"

no inverno, em grupos, e vão se instalando pela orla."Viajo muito - já dei a volta ao mundo, participando de seminários em países que se preocupam com a saúde do planeta. O Brasil ainda está muito atrasado. O povo precisa entender o perigo. Precisa ser educado. Somos privilegiados", diz.

Como boa virginiana, Karina não é de externar sentimentos. "Sou muito racional, não me emociono assim... Mas, quando vejo da minha janela aqueles animais enormes e tão dóceis ali no costão - eles no ambiente deles, eu no meu, e nós assim tão pertinho -, fico mexida. Os bichões representam milhões de anos de evolução!" Feiosas, gordas e cheias de verrugas, são a paixão da bióloga.

"Geralmente as que vêm para parir ficam espichadas, como se repousassem para o parto, e têm o filhote à noite, como a maioria dos mamíferos", explica Karina. E são mães corujas: se os baleotes se afastam, elas tratam de trazê-los de volta, mostrando que é preciso prudência para não chamar a atenção do predador. Esguicham em V, outra peculiaridade da raça, mergulham, fazem piruetas e cuidam dos filhotes o tempo todo. Quando os pequenos - que nascem com 5 metros! - estão prontos para enfrentar o mar, a família retorna à Antártica. Os filhotes enchem a pança com toneladas de minúsculos crustáceos e voltam parrudos no ano seguinte. Uma baleia-franca vive cerca de 80 anos e pode reproduzir desde os 8. As solteiras se acasalam um pouco mais afastadas da costa. Selecionam vários tipões, experimentam todos e só procriam com um escolhido. Superemancipadas, voltam para casa, mas com o endereço do berçário na memória porque, no ano seguinte, um baleote vai nascer em águas brasileiras.

HORA DAS DESPEDIDAS

Quando as baleias partem, no fim do inverno, o vilarejo muda de cara. Vão-se os cetáceos, chegam os surfistas, que durante o verão ocupam o mesmo lugar das baleias.Depois de tantas demonstrações de amor materno, Karina Groch sempre fica pensativa. Namora um empresário de Porto Alegre há 11 anos, são parceiros em um negócio de camisetas e ela tem certeza que passará os próximos 11 anos ao lado dele. Sabe, pelo tiquetaque do seu relógio biológico, que está na hora de ter um filho, mas não consegue imaginar interromper um trabalho que tanto a mobiliza. "Vou dar mais um tempo, dois anos. Aí acho que estarei pronta para um bebê." As baleias-francas são bem menos complicadas...